



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

FICÇÃO E HISTORIOGRAFIA: A MULHER NO DISCURSO SARAMAGUIANO EM *HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA*

Ana Flávia da Silva Oliveira (UEPB)

Introdução

A Análise de Discurso (AD) possibilita a realização de uma leitura do além texto, em qualquer gênero textual. Para tanto, deve-se considerar as condições de produção de cada gênero, uma vez que para se analisar um discurso é necessário relacionar a linguagem à sua exterioridade, como aponta Orlandi (2007). Assim, transpondo o método da (AD) francesa para o discurso literário, mais especificamente para o romance, realizamos neste trabalho uma análise acerca do papel histórico da mulher no discurso do romancista José Saramago.

Antes, porém, é importante ressaltar que a análise limita-se às representações femininas no romance histórico contemporâneo *História do cerco de Lisboa* (2011), pois, de acordo com Marinho (1999), é atribuído a esse categoria de romance a função de aproximar a realidade do público-leitor através da ficção literária, tornando, dessa forma, a História – antes tida como verdadeira – mais flexível. Algo que a teórica considera muito importante, porque é isso que faz com que a História oficial seja mostrada de diversas formas, a depender do intento de quem resolve retomar as narrativas históricas.

A análise apresenta um enfoque dos acontecimentos históricos retomados por Saramago e dentro de tais acontecimentos visualiza a importância da mulher em meio a um contexto predominantemente masculino. O objetivo é compreender como o autor, na ficção, através do discurso do narrador, consegue atribuir à mulher uma importância que não é registrada pela historiografia tradicional. Dessa forma, consideramos relevante, também, observar como se coloca o discurso historiográfico em relação à mulher, por isso, se faz necessário estabelecer, assim, um paralelo entre esses dois discursos: o ficcional e o historiográfico.

I – Do discurso historiográfico ao ficcional: José Saramago e a história do cerco de Lisboa



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Publicado em 1987, *História do cerco de Lisboa* é um obra que permite uma visualização do retrato histórico de Portugal dentro de um contexto literário, transformando assim, História em Literatura, de modo que ficção e realidade se unem de forma a ratificar a ideia de que muitos dos acontecimentos históricos são, ou podem ser, repassados de geração a geração do ponto de vista de quem o escreve e não por serem, necessariamente, uma verdade absoluta, como mostra o narrador no trecho que segue, referindo-se ao manuscrito em revisão: “Em quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontrou um facto novo, uma interpretação polémica, um documento inédito, sequer uma releitura. Apenas mais uma repetição das mil vezes contadas e exaustas histórias do cerco, [...]” (SARAMAGO, 2011, p. 33). Assim, percebemos que não há, por parte do historiador, de acordo com o discurso do narrador, um interesse em acrescentar informações novas e relevantes aos acontecimentos, apenas repetir fatos já contados tantas vezes, para que mais adiante, outros possam fazer o mesmo.

Segundo Orlandi (2007), “a memória também faz parte da produção do discurso.” (ORLANDI, 2007, p. 30), porque é por meio dela que se retoma o já dito para que, a partir desse já dito, outros discursos possam ser construídos. Nesse caso, salientamos que os discursos sobre a História são resgatados através da memória, daí o romance histórico também se valer da memória para se constituir como tal, uma vez que os romancistas se utilizam daquilo que está registrado pela escrita, que lhe confere legitimidade, para desenvolver suas obras sob uma perspectiva crítica particular, na tentativa de contextualizar a sua ficção de forma a dar-lhe tom de veracidade.

No entanto, como aponta Carvalho (1998), “Saramago não se propõe a reescrever o mesmo texto do historiador [...], mas parte dele para uma revisão, para uma discussão sobre a construção da verdade histórica.” (CARVALHO, 1998, p. 78), pois o que se percebe no discurso fictício do romancista é uma, possível, tentativa de mostrar que a “verdade” também pode ser construída, uma vez que, o NÃO – colocado pelo protagonista Raimundo Silva, revisor editorial –, substituindo o SIM, não só altera o discurso historiográfico, como esse passa, a partir daí, a uma nova verdade, a de que os Cruzados não ajudaram os portugueses na tomada de Lisboa aos Mouros, conforme mostra a citação que segue:



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

[...] é evidente que [Raimundo Silva] acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdade, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como. (SARAMAGO, 2011, p. 42, acréscimo nosso).

É evidente que as condições de produção permitem a construção desse novo discurso, porque se trata de um romance escrito em época distinta a dos fatos ocorridos – visto que o romance não só é escrito na contemporaneidade, como também o enredo se passa em pleno século XX, e não só, exclusivamente, na Idade Média, época em que o cerco aconteceu. Estes dois fatos por si só assegurariam a validade do discurso ficcional, isso porque o romance pode ser considerado, por alguns, apenas como uma forma de entretenimento, sem que seu conteúdo, nesse caso específico, altere, realmente, o já-dito. O fato de Saramago ter mudado o discurso em relação à História, não muda a História em relação aos acontecimentos. Porém, para Fiorin (2005, p. 222), a função singular do romance, “consiste exatamente em mostrar esse direito e esse avesso, em representar um interdiscurso e, portanto, em simular o modo de funcionamento real da linguagem”, tal como ocorre em a *História do cerco de Lisboa*, um discurso crítico a partir da ficção, que tem o seu valor de verdade assegurado pelas condições de produção, em oposição a um discurso histórico cristalizado, tido como único e absoluto, a História da Tradição.

Para escrever a sua versão da História, Saramago recorre à memória discursiva, utilizando os escritos de Alexandre Herculano, como destaca Carvalho (1998), entretanto, o próprio historiador chega a relativizar o seu discurso em relação à veracidade dos fatos, como podemos observar no segmento abaixo:

A cientificidade de seu discurso baseia-se numa sistematização de pesquisa, busca incessante de objetividade, apoio nas fontes, citações. Sabedor, entretanto, da precariedade da verdade das fontes. O autor, nos textos em questão, relativiza-as em expressões que estabelecem a dúvida: “segundo cremos”, “segundo parece”, “é possível que”, “diz-se que”, entre outras. Das expressões que relativizam, parte para considerações factuais mais explícitas em que claramente expõe a fragilidade da informação das fontes. (CARVALHO, 1998, p. 79).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Não encontramos essas relatividades nos estudos historiográficos de Serrão (2001), seu discurso é firme e sem nenhuma demonstração de insegurança ao discorrer sobre o episódio. Todavia, ao citar uma fonte, a carta de um cruzado, testemunha da conquista dos portugueses, o historiador afirma em nota de rodapé que o original do texto é escrito em latim e que “uma interpretação mais recente atribui, a um cruzado não identificável, sendo inglês de nome Osberto o destinatário.” (SERRÃO, 2001, p. 97). Assim, notamos que mesmo em meio a um discurso, aparentemente seguro, pode-se perceber a relatividade acerca da verdade historiográfica, pois ao se considerar que uma fonte é passiva de “interpretação”, e não somente de tradução, apesar de sabermos que essa tradução já configura um novo olhar, um novo discurso. O próprio historiador torna o seu discurso relativo, visto que cada pessoa pode interpretar de diferentes formas um mesmo texto a partir dos recursos que lhes são dados, lugar e posição, e dessa forma estabelecer a sua verdade.

Diante disso, concordamos com Carvalho (1998), quando afirma, ao se referir a Herculano, que: “As dúvidas com relação às fontes podem levá-lo também a perceber a ficcionalidade presente nelas, apesar de todo o seu viés cientificista.” (CARVALHO, 1998, p. 78), assim, os relatos históricos são postos em igualdade perante a ficção na literatura, algo que Saramago também demonstra, logo no início do romance em questão, através do narrador e protagonista Raimundo Silva. Em um breve diálogo com o historiador que escreveu o livro, o qual o personagem foi incumbido de revisar, Raimundo Silva expõe seu apreço pela literatura, bem como a sua “impaciência” diante da perspectiva do historiador em colocar História e Literatura em campos opostos, algo de que discorda o revisor, com mostra a seguinte citação:

[...] Recordo-lhes que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lho eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender [...]. (SARAMAGO, 2011, p. 10-11).

O que o discurso do romancista deixa transparecer é que o narrador procura fazer com que o leitor entenda que uma “verdade” só sobrevive até que outra “verdade” surja, pois, pode ocorrer que fatos tidos como verídicos, repassados ao longo dos séculos, sejam um dia



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

contrariados e essa contrariedade pode torna-se verdade se cristalizar-se com a passagem do tempo. Por isso, as fontes “que se proclamaram única, eterna e insubstituíveis verdades, suspeitas, estas, acima de todas as outras.” (SARAMAGO, 2011, p.109), porque, de acordo com o narrador, dentre outras coisas, “o mal das fontes, ainda que verazes de intenção, está na imprecisão dos dados, na propagação alucinada das notícias [...]”.(SARAMAGO, 2011, p. 109).

Para a (AD) tanto a História quanto a Literatura são processos de criação e representação da “verdade”. Embora a História ressurgja como um discurso oficial (legitimado), a perspectiva discursiva vê que o discurso é um “simulacro” de verdades construídas por sujeitos determinados por posições ideológicas circunstanciais. Por isso é que, verdade ou não, o NÃO de Raimundo Silva mostra a força que tem as palavras, e que a Literatura está repleta de História, assim como História se pode extrair a ficção e/ou a Literatura.

II – Maria Sara e Ouroana: As mulheres da História na história de Saramago

Para Fiorin (2005), de uma forma geral, o “que marca a produção romanesca é a revelação da heterogeneidade constitutiva da linguagem, que, nos outros discursos, se ocultam.” (FIORIN, 2005, p. 233), é por meio dessa heterogeneidade que se estabelecem os mais diversificados espaços discursivos em um mesmo romance, como o discurso social, o religioso, o do papel da mulher, dentre outros. Essa variação discursiva também pode ser observada em *História do cerco de Lisboa*, porém, interessa-nos analisar o papel da mulher no discurso de Saramago.

A obra em análise se apresenta como uma metanarrativa, pois traz duas narrativas simultâneas inseridas no mesmo romance. Uma vez quando o autor constrói sua versão da História do cerco, e uma segunda, através do próprio personagem, ao colocá-lo como autor da nova história do cerco de Lisboa, a que os Cruzados não auxiliaram os portugueses. E nas duas versões, destaca-se uma personagem feminina, dando suporte aos protagonistas masculinos.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Maria Sara aparece na narrativa de Saramago com a responsabilidade de dirigir todos os trabalhos dos revisores da editora a partir do momento que foi descoberto o “erro” do protagonista. Apesar de seu nome ser revelado, de início, para o leitor, não o é para Raimundo Silva. Ele descobre seu nome no dia seguinte ao receber um telefonema da secretária, avisando que a doutora Maria Sara quer lhe falar. A chefe marca um encontro para discutir questões do trabalho. Após desligar o telefone ele “ainda não recupera por completo a serenidade, agora a casa está cheia de silêncio, apenas se adivinha uma pulsação inaudível, tanto pode ser o arfar da cidade como o mover do rio, ou simplesmente o coração do revisor. (SARAMAGO, 2011, p. 90).

Maria Sara torna-se, na verdade, a responsável pela versão da história escrita por Raimundo Silva, visto que é ela quem sugere e encoraja-o a seguir com a ideia. No dia seguinte, quando o senhor Silva comparece à editora para a reunião, grande foi a surpresa do revisor ao deparar-se com um exemplar da História do cerco de Lisboa em cima do gabinete de sua supervisora, tomou este ato como uma provocação, porém há uma explicação:

Esse livro é seu, fez uma pausa, demorada, colocou desta vez peso maior em algumas sílabas, Digamo-lo doutro modo, esse livro é o seu. Confundido, Raimundo Silva levantou a cabeça, O meu, perguntou, Sim, é o único exemplar da História do Cerco de Lisboa que não leva a errata, nele continua a afirma-se que os cruzados não quiseram ajudar os portugueses. (SARAMAGO, 2011, p. 92-93).

O revisor ficou confuso, mas após uma longa conversa, se surpreendeu ainda mais ao ouvir a sugestão de Maria Sara: “A de escrever uma nova história do cerco de Lisboa em que os cruzados, precisamente, não tenham ajudado os portugueses, tomando portanto à letra o seu desvio.” (SARAMAGO, 2011, p. 97), e assim ele o fez.

Já Ouroana, aparece como protagonista, ao lado de Mogueime, na história escrita por Silva. Mogueime é soldado e participara de outras conquistas lutando ao lado dos portugueses, e Ouroana trazida da Galiza para servir de barregã a um cruzado fidalgo – vale lembrar que nem todos os cruzados da história de Raimundo Silva se negaram a ficar, pois uma pequena parte permaneceu ao lado dos portugueses –. Maria Sara questiona o revisor a fim de saber se trata-se de uma história de amor, ele não tem certeza, e como resposta ao motivo da dúvida o narrador declara: “É que não sei como se amava naquele tempo, isto é,



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

sou talvez capaz de imaginar o sentimento, mas não faço ideia nem tenho informações de como exprimiam [...]”. (SARAMAGO, 2011, p. 236).

O revisor toma a si próprio como exemplo para construir o seu herói, bem como a sua história de amor com Maria Sara como inspiração para o romance de Mogueime e Ouroana, consciente do que está a fazer, como mostra a citação: “[...] Tal como ele nunca virar a ser capitão, eu nunca serei um escritor, [...]”. (SARAMAGO, 2011, p. 294). Ouroana é filha de lavradores da Galiza, ao ser raptada e levada para Portugal. Seguiu com seu senhor para o acampamento dos soldados e passa a transitar livremente entre eles. Como vemos a seguir:

Numa destas ocasiões achou-se Mogueime atrás dele, que também Mogueime andava de auxiliar a torre, e foi caso que tinha vindo Ouroana a ver o andamento da obra e naturalmente olhar para quem só olhos deveria ter, o seu senhor e amo, mais isto não evitou que ela notasse a fixidez com que a fitava o soldado alto que atrás estava. (SARAMAGO, 2011, p. 280).

É a partir desse momento da narrativa que começa a aproximação entre os dois. Com a morte do cavaleiro Henrique, seu senhor, em campo de batalha, a bela moça passa, mesmo sem saber, a ser protegida pelo soldado, pois o narrador deixa transparecer, em seu discurso, que ele matava a facadas aqueles que se aproveitavam da sua condição de mulher. Ouroana e Mogueime, na versão de Silva, se unem pelo amor, tal como acontece com Maria Sara e Raimundo Silva na versão de Saramago. O autor permite, portanto, ao protagonista, que ele crie um casal a sua imagem e de Maria Sara.

Apresentado os perfis das personagens femininas, passemos as considerações a cerca do discurso. De início, destacamos a inovação no discurso de Saramago ao desconstruir o discurso historiográfico canônico, trazendo para sua versão da História figuras femininas, ao passo que a historiografia não faz nenhuma referência às mulheres, a não ser para colocá-las em segundo plano em relação aos homens, como em Serrão (2001): “Já então se perdia na zona terminal do Tejo à indústria salineira. Quanto a população, podia abrigar os 154000 homens, sem contar as mulheres e crianças, a que se refere a carta a Osberto.” (SERRÃO, 2011, p. 96). Vale destacar que essa é a única vez que a palavra mulher/es é mencionada no texto desse historiador.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Saramago não apenas traz essa presença marcante da mulher em seu discurso, como também mostra a fragilidade masculina perante ela, tanto no que se refere a Raimundo Silva em relação à Maria Sara quanto a Mogueime em relação à Ouroana, fato este, que pode ser demonstrado por meio do diálogo que segue, entre Silva e Sara:

E tens medo que Ouroana vire as costas a Mogueime quando descobrir que nunca será mulher de um capitão, Tem-se visto, Contudo, essa Ouroana viveu vida melhor quando estava com o cavaleiro, e agora quis Mogueime, suponho que ele a não forçou, Não estou a falar de Ouroana, estas a falar de mim, bem o sei, mas o que dizes não me agrada, Calculo, Dure essa relação o que durar, quero vivê-la limpidamente, [...]. (SARAMAGO, 2011, p. 294).

Sabendo-se que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, e as margens do dizer, do texto, também faz parte dele, como afirma Orlandi (2007, p. 30), podemos vislumbrar, então, que, nas entrelinhas, a citação mostra, além da fragilidade masculina, o grau de independência da mulher. Silva sentia-se inseguro por ser um “simples” revisor apaixonado pela chefe, e Mogueime, um reles soldado arrebatado por uma mulher que já desfrutara de uma “boa vida” ao lado de um homem de status. Visto dessa forma, é dado a mulher, no discurso do romancista, o poder de escolha, pois as duas optam por permanecer ao lado dos homens que elas escolheram.

Dentro do restabelecimento dessa aliança entre História e Literatura, Maria Sara pode ser entendida como a representação da mulher moderna, ainda nova, menos de quarenta anos, divorciada, vive com o irmão e fuma compulsivamente, e, Ouroana da mulher do passado, pois dentro da ficção saramaguiana, Maria Sara está para a realidade, enquanto Ouroana está para a ficção, ela é a personagem fictícia representante da História que ressurgiu na narrativa de Raimundo Silva. Maria Sara “como é comum às personagens femininas saramaguianas, caracteriza-se pela integridade, pela segurança, pela força, pela autenticidade” (MALEVAL, 2011, p. 157), diferentemente de Ouroana, que se apresenta, de início, frágil e indefesa, sujeita a perseguições por parte do homem, que na versão do romancista português é raptada e estuprada, pelo cavaleiro Henrique, tornando-a sua concubina, como afirma Maleval (2011, p. 158).

Portanto, podemos concluir que o discurso de Saramago revela em *História do cerco de Lisboa*, mulheres não submissas, a ponto que o narrador se desculpa por utilizar tal termo –



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

“com perdão da excessiva palavra” (SARAMAGO, 2011, p. 95) –, mas mulheres que “sabem apaga-se nos devidos momentos, retomando, então, as feições da mulher ancestral.” (BERRINI, 1998, p. 140). Isso não as torna seres inferiores, porque, apesar de serem sempre companheiras, sempre a prestar auxílio e apoio a quem se ama, conforme Berrini (1998), são elas que fazem seus homens se renderem aos seus encantos e mistérios que transparecem por meio da maturidade e da segurança no agir:

Os homens ficam-se perplexos, sempre, perante esse Outro tão diferente, real porém envolto em sonho. Como se somente conseguissem viver a partir das perspectivas femininas, sendo-lhes impossível delas abdicarem. Vêm o Outro e o mundo com os olhos da mulher, na verdade. (BERRINI, 1998, p. 143).

A citação que transcrevemos, define, perfeitamente, a superioridade dessas mulheres, em relação ao homem, no discurso de Saramago. De acordo com Berrini (1998), estes pormenores são aplicáveis, em maior ou menor grau, a todas as personagens femininas do romancista. Diante do exposto, é importante considerar-se sempre, porém, que “o discurso, por princípio, não se fecha” (ORLANDI, 2007, p. 71).

Considerações finais

Partindo da concepção, apresentada por Orlandi (2007), de que nas palavras se escondem os não-ditos e estabelecem silêncios estratégicos, concluímos, a partir do nosso estudo que, através do seu narrador protagonista, Saramago procura reescrever a História buscando fontes que residem em um passado estático, silenciado, como o texto-fonte de Osberno mencionada por Raimundo Silva, buscando reavivar esse passado dando voz a novas personagens, como Mogueime e Ouroana. Dessa forma, o autor questiona as verdades dos fatos históricos, verdades estas cristalizadas pelo discurso historiográfico, pois considera esta veracidade relativa. Assim, concluímos que o discurso acerca da História também se faz com ficção.

Com relação à mulher, esta, como de costume, é mostrada “como um ser a parte, superior [...] tem modos próprios de pensar, uma distinta maneira de sentir, raciocinar e entender” (BERRINI, 1998, p. 141). Duas mulheres que mesmo em extremos opostos, uma



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

vez que, Maria Sara representa a mulher emancipada da contemporaneidade e Ouroana a barregã da Idade Média, são exemplos de mulheres que, embora dos “bastidores”, tem a sua participação nos eventos históricos, porque é através delas que os respectivos homens ganham notoriedade, pois são “representações de homens simples, o amor é que os torna grandes.” (MALEVAL, 2011, p. 159).

Por fim, percebemos, que, de certa forma, a mulher é protegida no discurso ficcional. Saramago, à luz da (AD), ressignifica o discurso histórico através de um processo de rememoração. Para tanto, utiliza o ficcional para propor sua verdade. E nessa história, sua história, ele utiliza o discurso do feminino, igualmente, faz uma história “vista de baixo”, visto que “a visão do autor não se coaduna com o ponto de vista epocal a respeito de determinados componentes da sociedade. Ouroana não é discriminada ou alvo de desprezo,” (BERRINI, 1998, p. 120), algo que comumente aconteceria em sua época, a Idade Média.

Referências

BERRINI, Beatriz. **Ler Saramago: o romance**. Lisboa-Portugal: Caminho, 1998.

CALBUCCI, Eduardo. História do cerco de Lisboa: os limites da ficção. In: _____. **Saramago: um roteiro para os romances**. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999, p. 59-67.

CARVALHO, José Francisco Rodrigues de. Herculano, Saramago e a história do cerco de Lisboa. In: _____. LOPANDO, Lílian. (Org.). **Saramago segundo terceiros**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. p. 77-110.

FIORIN, José Luiz. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: _____. BRAIT, Bhet. (Org.). **Bakhtin, diálogos e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora Unicampi, 2011, p. 218-234.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. A Idade Média revis(it)ada: História(s) do cerco de Lisboa. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 153-161, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaiptesi/files/2012/03/18-a-idade-m%C3%A9dia.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. A conquista de Lisboa. In.: _____. **História de Portugal**: 1080 – 1415, Estado, pátria e nação, v. I. 6. ed.s.l. Editorial Verbo, 2001, p. 96-99.